

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**RÁDIO, TV E INTERNET**

**Guilherme Alves Leonor**  
**Monisa de Cássia Silva Cruzeiro**

**PERSPECTIVAS:**

A experimentação da flexibilidade na utilização dos gêneros documentais

**Juiz de Fora**  
**Março de 2023**

Guilherme Alves Leonor  
Monisa de Cássia Silva Cruzeiro

**PERSPECTIVAS:**

A experimentação da flexibilidade na utilização dos gêneros documentais

Memorial do produto apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Rádio, TV e Internet.  
Orientador: Dr. Cristiano José Rodrigues

**Juiz de Fora**  
**Março de 2023**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cruzeiro; Leonor, Guilherme Alves; Monisa de Cássia Silva.  
PERSPECTIVAS : A experimentação da flexibilidade na utilização dos gêneros documentais / Guilherme Alves; Monisa de Cássia Silva Cruzeiro; Leonor. -- 2023.  
55 p. : il.

Orientador: Cristiano José Rodrigues  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2023.

1. Documentário. 2. Formatos. 3. Modos de Representação. 4. Vida. 5. Morte. I. Rodrigues, Cristiano José, orient. II. Título.



20/03/2023, 09:36 SEI/UFJF - 1185204 - GERAL 02: Ata de Reunião

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
REITORIA - FACOM - Coordenação do Curso de Rádio, Tv e Internet

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE DEFESA, PERANTE BANCA AVALIADORA, DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DOS DISCENTES **GUILHERME ALVES LEONOR** E **MONISA DE CÁSSIA SILVA CRUZEIRO** PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM RÁDIO, TV E INTERNET, PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO (FACOM) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). INTEGRARAM A BANCA AVALIADORA O ORIENTADOR, **PROF. DR. CRISTIANO JOSÉ RODRIGUES (FACOM/UFJF)** E OS DOCENTES CONVIDADOS: **PROF. DR. NILSON ASSUNÇÃO ALVARENGA** E **PROF. DR. FLÁVIO LINS RODRIGUES (FACOM/UFJF)**. AOS **14 DIAS DO MÊS DE MARÇO DE 2023, ÀS 14H, NA SALA 214**, LOCALIZADA NO PRÉDIO DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (FACOM/UFJF), REALIZOU-SE A APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PELOS DISCENTES. O ORIENTADOR ABRIU A SESSÃO AGRADECENDO A PARTICIPAÇÃO DOS MEMBROS DA COMISSÃO EXAMINADORA. EM SEGUIDA CONVIDOU OS ALUNOS PARA QUE FIZESSEM A EXPOSIÇÃO DO TRABALHO INTITULADO: "**A EXPERIMENTAÇÃO DA FLEXIBILIDADE NA UTILIZAÇÃO DOS GÊNEROS DOCUMENTAIS**". FINALIZADA A APRESENTAÇÃO, OS MEMBROS AVALIADORES PROCEDERAM À ARGUIÇÃO DO TRABALHO COM TEMPO DE RESPOSTA PELOS DISCENTES. DANDO CONTINUIDADE AOS TRABALHOS, O ORIENTADOR SOLICITOU A TODOS QUE SE RETIRASSEM DA SALA PARA QUE A BANCA AVALIADORA PUDESSE DELIBERAR SOBRE O TRABALHO APRESENTADO. TERMINADA A DELIBERAÇÃO, O ORIENTADOR SOLICITOU A PRESENÇA DE TODOS E LEU A ATA DOS TRABALHOS, DECLARANDO **APROVADO** O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DOS DISCENTES. EM SEGUIDA, DEU POR ENCERRADA A SOLENIDADE, DA QUAL SE LAVROU A PRESENTE ATA QUE VAI ASSINADA PELOS MEMBROS DA COMISSÃO EXAMINADORA.



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Jose Rodrigues, Professor(a)**, em 14/03/2023, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Lins Rodrigues, Professor(a)**, em 14/03/2023, às 19:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nilson Assuncao Alvarenga, Professor(a)**, em 16/03/2023, às 18:37, conforme horário oficial de Brasília, com



fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1185204** e o código CRC **94D3CD5A**.

**Referência:** Processo nº 23071.908970/2023-11 SEI nº 1185204

[https://sei.ufjf.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=1329069&infra\\_sistema=1...](https://sei.ufjf.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=1329069&infra_sistema=1...) 1/1

## **AGRADECIMENTOS**

Aos nossos familiares e amigos por todo suporte, incentivo e apoio durante essa nossa caminhada. Com toda certeza sem vocês nada disso seria possível, mesmo com todos os problemas durante nossa jornada.

Um agradecimento especial ao nosso orientador Cristiano Rodrigues, impossível mensurar toda nossa gratidão, não só como orientador, mas também como parceiro e amigo. Obrigado por ter aceitado entrar nesse desafio com a gente, pela liberdade respeitosa, pelo seu olhar, pelas dicas e direcionamentos nesses meses.

E claro, um muito obrigado a todos os professores que encontramos durante o processo de formação, com certeza saímos com os ensinamentos e olhares específicos de cada um, que foram essenciais para o nosso crescimento pessoal e profissional. Principalmente Nilson Alvarenga e Flávio Lins convidados da nossa banca, obrigado pelos pontos expostos em relação ao nosso trabalho com tanto carinho e respeito, além de todas as lições, não só na defesa para a banca como em todos os momentos diários na Universidade.

Nosso muito obrigado a todos vocês.

## RESUMO

Este é o memorial descritivo do projeto experimental “Perspectivas: A experimentação da flexibilidade na utilização dos gêneros documentais”, com o objetivo de detalhar as etapas da produção em relação a experimentação do uso de mais de um formato do gênero documentário em cada episódio pertencente a uma minissérie documental. Passando desde o trabalho estudado sobre os formatos documentais, a escolha do tema, a definição dos personagens, produção do roteiro e processos seguintes até o produto final. O experimento, feito para a conclusão do curso de Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Juiz de Fora, explora as possibilidades na utilização de dois formatos de documentário dividido em três episódios, abordando etapas do mesmo tema, seguindo as definições de autores dentro do mundo documental. Essa escolha ocorreu após descrições sobre o uso de características de um formato dentro de outro formato, mas que sempre há um gênero dominante. Assim, o objeto apontado explora a utilização de dois formatos como dominante, e as maneiras de abordar o tema escolhido. Com o trabalho, o objetivo vai além do uso dos formatos documentais, mas também a abordagem sobre o tema vida e morte e as etapas existentes entre esses dois paralelos ligados por uma linha tênue em cada indivíduo, e os tabus presentes e padronizados na sociedade em relação ao assunto.

**Palavras chaves:** Documentário; formatos; Modos de Representação; vida e morte.

## ABSTRACT

This is the descriptive memorial of the experimental project “Perspectives: The experimentation of flexibility in the use of documentary genres”, intending to detail the stages of production about the experimentation of the use of more than one format of the documentary genre in each episode belonging to a documentary miniseries. Moving from the studied work on documentary formats, the choice of theme, the definition of characters, script production, and subsequent processes to the final product. The experiment carried out for the completion of the Radio, TV, and Internet course at the Federal University of Juiz de Fora, explores the possibilities of using two documentary formats divided into three episodes, approaching stages of the same theme, following the definitions of authors within the documentary world. This choice occurred after descriptions about the use of characteristics of a format within another format, but that there is always a dominant genre. Thus, the pointed object explores the use of two formats as dominant, and the ways of approaching the chosen theme.

With the work, the objective goes beyond the use of documentary formats, but also the approach to the theme of life and death and the existing stages between these two parallels connected by a thin line in each individual, and the taboos present and standardized in society regarding the subject.

**Keywords:** Documentary; formats; representation modes; life death.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Fotografia 1 - Dia de chuva no cemitério

Fotografia 2 - Crianças e adolescentes trabalhando no cemitério

Fotografia 3 - Hospital Maternidade Therezinha de Jesus

Fotografia 4 - Entrevista com a Doula Wanda Hansen de Toledo

Fotografia 5 - Funerária Filgueiras

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 O DOCUMENTÁRIO E SEU DESENVOLVIMENTO .....	13
2.1 A DEFINIÇÃO DO GÊNERO COMO DOCUMENTÁRIO .....	14
3 OS FORMATOS EXISTENTES NO GÊNERO DOCUMENTAL .....	16
3.1 OS FORMATOS DOCUMENTAIS E SEUS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS .....	16
4 TEMÁTICA .....	20
5 DEFINIÇÃO DOS FORMATOS EM CADA EPISÓDIO .....	22
6 DEFINIÇÃO DE EQUIPE .....	23
7 CRIAÇÃO DO ROTEIRO - POÉTICO / EXPOSITIVO - NADA É O QUE PARECE ....	24
7.1 PRODUÇÃO - GRAVAÇÃO POÉTICO / EXPOSITIVO - NADA É O QUE PARECE .....	25
7.2 CONCEPÇÃO SONORA - POÉTICO / EXPOSITIVO NADA É O QUE PARECE .....	28
7.3 EDIÇÃO - POÉTICO / EXPOSITIVO - NADA É O QUE PARECE .....	28
8 CRIAÇÃO DO ROTEIRO - PARTICIPATIVO / OBSERVATIVO - PARALELOS .....	30
8.1 PRODUÇÃO - GRAVAÇÃO PARTICIPATIVO / OBSERVATIVO - PARALELOS .....	30
8.2 EDIÇÃO - PARTICIPATIVO / OBSERVATIVO - PARALELOS .....	33
9 CRIAÇÃO DO ROTEIRO - PERFORMÁTICO / REFLEXIVO - FASES .....	34
9.1 PRODUÇÃO - PERFORMÁTICO / REFLEXIVO - FASES .....	34
10 ABERTURA E ENCERRAMENTO DO EPISÓDIOS .....	36
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37

APÊNDICE A - CRONOGRAMA

APÊNDICE B - PRIMEIRO RASCUNHO ROTEIRO EPISÓDIO POÉTICO / EXPOSITIVO

APÊNDICE C - SEGUNDO RASCUNHO ROTEIRO EPISÓDIO POÉTICO / EXPOSITIVO

APÊNDICE D - RASCUNHO ARGUMENTO E ROTEIRO EPISÓDIO PERFORMÁTICO /  
REFLEXIVO

## 1 INTRODUÇÃO

Esse presente TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, tem por meio de uma experimentação prática o objetivo de abordar as facetas e os elementos característicos de cada modo de representação<sup>1</sup> no documentário, e a flexibilidade entre eles.

Com o experimento da criação de uma minissérie documental, pretende-se evidenciar como esses elementos influenciam na abordagem e na recepção da mensagem almejada, sem, no entanto, alterar o tema principal, mas sim a forma apresentada, utilizando dois formatos documentais em cada episódio da série..

Cada característica desenvolvida e apresentada em um determinado formato de documentário pode fazer um mesmo assunto ter interpretações diferentes? Apesar de ser um mesmo tema, a forma que se é apresentado pode ter mais ou menos impacto no receptor. Logo, o conhecimento e a diferenciação entre os elementos característicos em relação aos estilos de documentários possibilitam a criação e finalização de um produto, de acordo com o que se deseja causar a quem recebe a mensagem.

Assim a experimentação das tipologias diferentes é proposta, a partir da produção de uma minissérie documental dividida em três episódios, apresentando como principal tema das narrativas: “Perspectivas”, discorrendo como a vida e a morte tem diversos ângulos. Explorando os elementos que diferenciam cada tipo de formato, sistematiza-se as características de dois formatos em cada episódio, totalizando os seis tipos descritos por Nichols (2010). Buscando, durante o decorrer do produto audiovisual, destacar a utilização de cada elemento específico no qual deseja montar a narrativa e a sensação e absorção do receptor em relação ao enredo apresentado. Pois cada formato documental traz uma abordagem diferente, junto a seus elementos que traz algo a mais, e como essas características influenciam na apresentação do enredo no audiovisual.

A minissérie documental “Perspectivas” irá discorrer sobre a complexidade e a brevidade da vida, tendo como direcionamento o olhar sobre personagens presentes nas etapas entre a vida e a morte. Como por exemplo, um agente funerário que lida com a morte, contrastando com o olhar de uma doula responsável em trazer uma vida ao mundo. Como

---

<sup>1</sup> Modo de representação - Bill Nichols, chamou de modos de representação aos padrões de estruturação de “textos” que discorrem sobre o mundo, a realidade. Com relação a texto, deve-se subentender a “voz do documentário”.

NICHOLS, The voice of documentary, p.248-249

ocorre as percepções entre a velhice e infância. E olhar sobre a romantização da maternidade e o local como o cemitério.

A produção da minissérie documental utiliza os elementos de cada formato com o intuito de explorar e de pesquisar sobre a flexibilidade e a homogeneidade na utilização de mais de um tipo de formato em um documentário, somando assim as múltiplas possibilidades em montar diversas narrativas partindo de um mesmo assunto, sem tornar a obra audiovisual repetitiva. Além de apresentar diferentes olhares sobre as etapas presentes entre a vida e a morte e os tabus em torno desses paralelos ligados por uma linha tênue há o intuito de utilizar essa experimentação para a reflexão da maneira como a mistura pode ou não implicar na representação da realidade, e demonstrar através dessa produção, um estudo aplicado das possíveis formas de utilizar a mesclagem dos elementos no gênero documentário, direcionando para criação de novas estruturas narrativas dentro do campo da comunicação, e da abordagem na área de Rádio, TV e Internet.

Esse projeto nos permite experimentar e aprofundar a utilização de disciplinas cursadas no decorrer do curso, como pré-produção, semiótica, pesquisa, produção (gravação) e pós produção, escrita do roteiro, direção de fotografia, direção sonora (captação de som), edição (áudio e vídeo) e finalização.

## 2 O DOCUMENTÁRIO E SEU DESENVOLVIMENTO

O Documentário é um gênero audiovisual que tem como característica o intuito de demonstrar a realidade, mas não na sua totalidade, pois está sujeito à realidade subjetiva do realizador. O mesmo aborda temas que não são comuns nos discursos midiáticos, o que o torna um meio diferencial de mostrar enredos e personagens que em sua maioria estão afastados do grande público.

De maneira geral, o documentário traz importância para temas essenciais e presentes na sociedade, que não possuem destaques nas grandes mídias de forma consensual, que servem para mostrar olhares sobre assuntos necessários mas que são vistos superficialmente. Portanto podemos ter um olhar para o documentário como um discurso político que repensa paradigmas, produz reflexão, argumenta e denuncia injustiças pressionando direitos e decisões políticas.

O documentário possui uma identidade heterogênea, em sua essência podemos dizer que possui características singulares em relação a ficção e a outros gêneros audiovisuais. Seja uma entrevista, um depoimento ou voz over, o gênero documental busca trazer um enunciado sobre os diversos ângulos que o mundo nos apresenta.

Sua evolução durante os anos foi caracterizada pelo surgimento de novos formatos, renovação tecnológica possibilitando novos olhares e novas perspectivas.

Vale ressaltar que o surgimento desse gênero se dá pelo interesse e paixão de cineastas e escritores que buscavam explorar os limites do audiovisual. Dessa maneira eles descobriram novas formas e possibilidades até então não exploradas. Um exemplo fundamental que podemos citar é do geólogo Robert Flaherty que com interesses antropológicos filmou o dia-a-dia de um esquimó, iniciando o que chamamos hoje de documentário.

Em um olhar direto a esse gênero, é importante destacar que o mesmo não irá representar a realidade nua e crua, mas sim o olhar interpretante do sujeito que produz o produto, ou seja a representação da realidade do indivíduo sobre determinado assunto.

O documentário possui fronteiras movediças, obscurecendo os limites entre o que é ficção e não ficção, é uma espécie de documentação da realidade e ao mesmo tempo uma experimentação da forma.

## 2.1 A DEFINIÇÃO DO GÊNERO COMO DOCUMENTÁRIO

O cineasta John Grierson citou pela primeira vez em um artigo o termo documentário, publicado na edição de 8 de fevereiro de 1925, do *The New York Sun*, se referindo ao filme *Moana* (1926) de Robert Flaherty. Considerado um dos pais do documentário, por ter idealizado o termo, Grierson definiu documentário como “tratamento criativo da realidade” (1925), essa definição aponta para a subjetividade da representação do real, tirando o fardo da obrigatoriedade de um tratamento objetivo da realidade na produção documental.

O documentário é caracterizado pela utilização de imagens na construção de narrativas, que possuem um público alvo. O diferencial é obtido pela captura de imagens da realidade. Os Irmãos Lumière (Auguste e Louis), produziam pequenos filmes que podem ser caracterizados como documentais, levando em consideração as filmagens do que eles observavam no momento, sem a criação de roteiro e encenação, mas sim com o retrato da realidade deles naqueles momentos, como a captura de uma fotografia em determinada situação. Ou seja, eles gravavam o cotidiano, não havia um objetivo específico em mostrar o que era capturado, ou um desejo de abordar assuntos que questionassem a sociedade, mas sim um registro com caráter documental de algo que fazia parte do contexto da época.

Levando por esse lado, a produção documental é resultado da representação do que aconteceu, baseado no que foi filmado, para apontar a visão do diretor sobre aquela realidade, e a visão que o mesmo tem sobre determinada questão.

Outro ponto é o documentário ser usado para abordar assuntos que possuem interesses sociais, ou que resultem em debates, e a busca por melhor representar os diferentes assuntos, que ocorre o surgimento de estilos dentro do gênero documentário, adaptando de acordo com o olhar do diretor sobre determinado tema. A criação de novos formatos no decorrer dos anos, se deu ao fato dos realizadores necessitarem de respostas para os seus questionamentos e pontos deficientes nos formatos já existentes.

Entre os estilos de abordar determinado assunto, e na forma que deseja passar ao público, adentra na fala de Nichols (2010), que identificou nas obras documentais elementos e técnicas na produção, levando o determinante em características para a classificação do gênero de acordo com esses processos e formatos. Cada modo de representação criado é uma nova maneira de abordar e abranger o mundo.

Segundo o mesmo, cada documentário tem seu tipo de voz, e cada voz é como uma marca digital de determinada forma de ver o mundo histórico. Ele classificou em seis tipos de vozes do gênero audiovisual documentário, sendo eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

E como definir um documentário? Em seu livro *Mas Afinal... O que é documentário?* (2008), Fernão Pessoa Ramos define esse gênero como:

Dentro deste eixo comum, podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhada muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoas. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como narrativa sobre asserção sobre o mundo (RAMOS, 2008, p. 22).

Seguindo as definições de documentário pelas palavras de Ramos, esse estilo de contar histórias, não é exatamente os reais acontecimentos em sua verdade absoluta, mas sim, uma narrativa própria de olhar o que acontece ao seu redor, é uma maneira de expressar histórias vividas ou acontecimentos que marcaram uma sociedade, através de diferentes abordagens, seguindo a percepção do realizador.

A particularidade do documentário são as inúmeras maneiras de contar uma história, não prendendo-se a uma cartilha padrão de formato. O mesmo apresenta possibilidades de abordar assuntos que refletem na sociedade, utilizando elementos que compõem as características classificatórias determinadas por Nichols. Em sua maneira, o documentário não segue uma estrutura como de um filme de ficção, por exemplo, não há uma necessidade de reviravoltas para que a trama se desenvolva, mas sim uma abordagem que prenda a atenção do público. Além de estar sujeito a interferências do meio externo, alterações no decorrer das filmagens, e novas ideias do realizador.

### 3 OS FORMATOS EXISTENTES NO GÊNERO DOCUMENTAL

Abordado no capítulo acima, Nichols (2010), aponta seis tipos de subgêneros no documentário, são eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. A classificação de um filme documentário se dá ao conter grandes porções de um determinado modo. Nichols deixa evidente que pode ocorrer a utilização de elementos de formatos diferentes num mesmo filme, mas que um desses modos será predominante no decorrer do documentário. Cada produto é produzido de acordo com o objetivo do realizador, em sua importância e finalidades adquiridas com os assuntos presentes na sociedade e que levam ao questionamento do mesmo.

Nichols (2010) também destaca e enfatiza o termo “*voz filmica*”<sup>2</sup>, a relação de entre todos os recursos utilizados de imagem e som para a montagem de uma narrativa, e não somente a fala, que diz respeito à natureza particular e exclusiva de cada documentário, apontando para a individualidade de cada cineasta e até mesmo de patrocinadores.

#### 3.1 OS FORMATOS DOCUMENTAIS E SEUS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS

O **Documentário Poético** abre mão do padrão de montagem linear, se desprendendo da necessidade de estabelecer personagens com visões de mundo e se apegando a caminhos alternativos que enfatizam as emoções, os sentimentos e as afeições. Características:

- Foco na realidade como matéria prima;
- Ritmos variados dentro de uma mesma narrativa;
- Trilha sonora bem trabalhada;
- Enquadramentos alternativos;

---

<sup>2</sup> Voz filmica (voz do documentário) de acordo com Nichols - a voz do documentário é a maneira particular do filme “expressar um argumento ou uma perspectiva” sobre o mundo histórico, o que está ligado tanto à idéia de uma “lógica informativa” orientando a organização do filme, como também está relacionado com a questão de um “estilo” de cada filme particular. NICHOLS, The voice of documentary, p.248-249

Um exemplo a ser citado é o filme *Olhos de Ressaca* (2009), de Petra Costa, nesse documentário a diretora utiliza o amor e o envelhecimento como base para a construção de uma narrativa, outros sentimentos também são trabalhados no filme como por exemplo a saudade. O filme tem um tom de leveza e trabalha com enfoque no sentimento e nas emoções. Vale ressaltar que o seus enquadramentos são singulares, exercendo um papel narrativo muito importante para o documentário.

O **Documentário Expositivo** é o mais utilizado, pois suas características equivalem ao desejo de informar, passando por assuntos ideológicos e questionamentos sociais. Seu elemento em questão é a voz over<sup>3</sup>, utilizada ao contar as narrativas. A narração julga os acontecimentos, sem um envolvimento. As imagens são utilizadas para reforçar o que está sendo narrado, assim a voz é o ponto principal, considerado como documentário clássico, com forte função moral e social. Características:

- “voz de Deus”, o locutor não é visto em cena, só há a voz presente.
- “voz de autoridade”, neutralidade, indiferença e onisciência que se faz ouvir em cena.
- imagens que reforcem o argumento defendido pelo documentário.

Como referência para nossa experimentação utilizamos os documentários *Ilhas das Flores* (1989) de Jorge Furtado, e *Cosmos* (produzida em 1980 e depois revisitada em 2014, dirigida por Brannon Braga, Bill Pop e Ann Druyan).

No primeiro exemplo, com narrador presente e as imagens que são utilizadas como reafirmação do que é dito, para alguns esse documentário é classificado como experimental para a época em que foi produzido, isto porque utiliza elementos de ficção em sua narrativa, e toda uma elaboração para introduzir o real tema do documentário.

---

<sup>3</sup> Voz over - (ou narração em over) – indicação usada quando não vemos e não sabemos quem está falando. Trata-se da chamada “voz de Deus”, narrador onipresente e onisciente que conta a história sem manter vínculo com ela. Ele narra de forma distanciada. O efeito que obtém com isso é o de objetividade.

Escrevendo o Futuro, disponível em:

<[https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/glossario/voz-over/](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/glossario/voz-over/)>.

O **Documentário Observativo**, seguindo pelo nome no qual se é dado, não apresenta interferência externa, sua principal característica é o olhar, e a observação sobre os acontecimentos, mostrando a realidade de um determinado momento, na busca de reações naturais. Sua possibilidade aconteceu pela revolução tecnológica entre 1950-1960, através de câmeras mais leves, e que captavam o som ambiente, sem precisar do uso de sonoplastia, somando um novo olhar de captura do mundo. Características:

- sem interferência do diretor na cena.
- equipe de filmagem menor.
- equipamentos invisíveis, camuflados no ambiente.
- em sua maioria não há preparação antes das gravações.
- sem modificações nas imagens e ao som originais captados.
- preferência pelo plano sequência que a ação passe naturalidade ao espectador.

Como referencial utilizamos os comentários *Marcha dos Pinguins e Justiça* (2004), de Maria Augusta Ramos, no segundo é observado os bastidores do sistema penal brasileiro, no Rio de Janeiro, apresentando como personagens réus, juízes, defensores e desembargadores. Passando pelas fases do julgamento, as filas e revistas para visitas nos presídios, os dias “normais” em família dos profissionais da área e das famílias dos réus.

O **Documentário Reflexivo** é o modo de representação mais questionador, aborda temas e conceitos a serem pensados ao invés de trabalhar com fatos e argumentos. Esse subgênero estimula o espectador a um questionamento sobre a construção da representação da realidade.

- Aguça a consciência do espectador;
- Dispensa fatos e argumentos;
- Trata de possibilidades que estão ao redor.
- Narrativa reflete sobre ela mesma.

Um exemplo que podemos citar é o documentário *Fraternidade* (2004), de Jorge Furtado, onde o documentarista nos leva a refletir sobre a desigualdade, o amor ao próximo e a desigualdade social.

O **Documentário Participativo** se contrapõe ao Observativo, pois nesse estilo ocorre a participação e interação do criador. Seja com o personagem ou tema do produto, utilizando entrevistas, que possibilitam ao público experimentar a percepção do cineasta. Chamado também de “cinema-verdade francês”, o qual a premissa defendida é de que os filmes se mostrem como “realidades fílmicas”, não são representações objetivas da realidade. Características:

- mostrar que a verdade de uma entrevista é a verdade do encontro entre diretor e entrevistado.
- as pessoas podem performar em uma entrevista.
- ficcionalização e possíveis intervenções propostas pelo diretor.
- fronteiras entre ficção e realidade misturadas.

O exemplo utilizado para reforçar os estudos desse modo documental foi Santo Forte (1999) do Eduardo Coutinho, que aborda várias histórias e personagens em relação às suas experiências religiosas. O diretor mostra a câmera presente nas filmagens, com intuito de reafirmar a realidade presente entre entrevistador e entrevistado, principalmente com a presença do diretor nas imagens, e o registro feito antes da equipe e conversas antes nos locais.

O **Documentário Performático** traz ao espectador uma conexão de sensibilidade, onde o cineasta busca estimular a nossa. Possui uma característica de ampliar os acontecimentos reais ao imaginário. Este modo se assemelha ao tipo de documentário poético, a filmes experimentais, e à ficção. Características:

- Ênfase na subjetividade;
- Explora a visão do cineasta;
- Junção da emocionalidade com pontos de lógica.

O documentário Babás (2010) da diretora Consuelo Lins exemplifica muito bem o tipo performático, a diretora constrói uma narrativa pessoal utilizando trechos de filmes de família, fotografias e anúncios de jornais do século XX. Consuelo estimula a sensibilidade do espectador quando trás uma luz sobre o contraste da afetividade genuína entre as diferenças

de classes, criança e babá, e ao mesmo tempo a violência e exploração entre patroa e empregada.

#### 4 TEMÁTICA

Antes de definirmos quais formatos seriam utilizados em cada episódio, precisávamos escolher o tema que seria abordado na minissérie documental.

A escolha do tema partiu do interesse em comum de ambos sobre abordar a vida e a morte de uma maneira diferente do padrão, e principalmente mostrar as etapas presentes entre esses dois paralelos, a partir do início de qualquer indivíduo.

Isso porque vida e morte são os dois pontos extremos da existência, são partes do cotidiano, mas que ainda apresentam o tabu ao serem questionadas, e que muitos se assustam ao refletir sobre elas. Principalmente o fato de que a partir do momento que nascemos, a cada dia que vivemos, começamos a morrer, ou seja, um dia vivido é um dia a menos na sua existência, e que a morte é o fim inevitável para todos nós.

Entretanto, mesmo sendo algo inevitável, ainda há uma certa resistência em abordar sobre o assunto, além de que as perspectivas diferem de indivíduo para indivíduo.

Sendo assim, optamos em utilizar “PERSPECTIVAS” como nome para a minissérie, uma vez que:

Perspectiva é uma palavra de múltiplos significados, podendo estar relacionada com o modo como se analisa determinada situação ou objeto; um ponto de vista sobre uma situação em específico; um modo tridimensional de representação ou tudo aquilo que se consegue ver ao longe. (Perspectiva: o que significa, exemplos e sinônimos - Significados).<sup>4</sup>

O conceito de vida e morte por si só é extensivo e abrangente, por isso ao escolhermos esse tema delimitamos que não iríamos abordar a vida e a morte a partir da visão religiosa e sim interpretar os termos vida e morte a partir de um processo natural que todos irão passar um dia.

O nosso intuito a partir da definição do tema, não era a abordagem normativa e costumeira da expectativa de vida, a média de vida de uma pessoa ou seus objetivos para o futuro, mas sim fugir dos estereótipos, como em relação à morte, e o medo de falar sobre o assunto, que muitos têm. Para isso utilizamos os olhares e formas de abordar esse tema

---

<sup>4</sup> (*pers.pec.ti.va*) Maneira de considerar uma situação, um problema; um ponto de vista. CALDAS Aulete-Dicionário escolar da língua portuguesa.

através dos tipos de documentários. Trazendo novas perspectivas sobre o tema, e uma reflexão sobre como desde crianças muitos têm uma visão padronizada sobre a vida e principalmente sobre a morte, o que leva a maioria viver com medo do fim e perdendo oportunidades de aproveitar o máximo que a vida pode oferecer.

O termo "Perspectivas" resume e define o que queremos transmitir com esse projeto, olhar para as etapas que permeiam a existência humana e perceber a singularidade de cada fase.

Vale ressaltar que em cada episódio buscamos os pontos de contraste entre os extremos vida e morte:

- Episódio 1: Enterro e Nascimento: No primeiro episódio mostramos como a morte não precisa estar obrigatoriamente associada a dor e a tristeza e que no processo da maternidade nem tudo são flores.
- Episódio 2: Doula e Agente Funerário: Nesse episódio buscamos o contraste das profissões que lidam diretamente com o nascimento e com o enterro de pessoas.
- Episódio 3: Infância e Velhice: No último episódio o contraste fica ainda mais evidente quando tratamos o barulho de uma creche e o silêncio do asilo, trazendo uma representação da alegria e a energia da infância e o silêncio retrata a solidão da velhice.

## 5 DEFINIÇÃO DOS FORMATOS EM CADA EPISÓDIO

Após a definição do tema, partimos para o desenvolvimento dos roteiros, e para a escolha dos formatos que seriam utilizados em cada episódio.

A ideia era que a minissérie não tivesse uma ordem pré-estabelecida, mas sim que os episódios pudessem ser assistidos em qualquer ordem, deixando o espectador livre para a escolha.

Antes das definições em relação aos formatos, fizemos uma primeira pesquisa de campo, para decidirmos alguns personagens que estariam presentes nas narrativas. Com a escolha do tema, queríamos que os mesmos estivessem relacionados com as etapas presentes entre a vida e morte e as perspectivas de cada um. Entramos em contato com doulas, que ainda estão no processo de regulamentação da profissão, mas que é uma escolha entre grávidas que vem crescendo. Também entramos em contato com funerárias, e tivemos conversas informais, para extrair o que podíamos utilizar nos episódios.

Após essa primeira pesquisa, partimos para a decisão dos formatos que seriam utilizados em cada episódio, e que os mesmos possuísem pontos característicos contrastantes, mas que conversassem entre eles. Nosso intuito era que a mudança entre um formato e outro para o espectador fosse sutil, mas que ao mesmo tempo o público percebesse que houve uma mudança.

Os formatos Poético/Expositivo foram escolhidos para um episódio pois queríamos utilizar duas formas de narração, e o uso das imagens que causam reações ao público de maneiras diferentes, um contraste no qual no primeiro apresenta algo mais sentimental, mais lúdico, e a narração carregada com efeitos, e no segundo uma narração mais forte, incisiva para alertar sobre o tema.

Escolhemos os formatos Participativo/Observativo, nos quais um tem uma interação direta entre o diretor e a personagem, e o outro que utiliza o observar para contar a narrativa, focando no contraste entre uma personagem que lida diretamente em trazer uma vida ao mundo e outro responsável pelo último cuidado após a morte de um indivíduo.

Por fim os formatos Performático/Reflexivo, trazem um tom mais emotivo aguçando a sensibilidade do espectador. Nesse episódio buscamos expor ao espectador as fases da vida, mostrando a alegria da infância e a solidão da velhice.

A descrição a seguir será de acordo com a definição de cada episódio e suas ordens de gravações presentes no cronograma (APÊNDICE A).

## 6 DEFINIÇÃO DE EQUIPE

Procuramos definir as funções de acordo com o confortável para cada um nas gravações, e tivemos ajuda na gravação do formato Expositivo que foi o mais complicado para nós em conseguir as personagens e utilizamos imagens de arquivos.

Mas nos outros formatos ambos fizeram um pouco de tudo, o que ajudou nas aplicações das disciplinas cursadas no decorrer do curso, e definir o que cada um deseja aprofundar em relação à profissão.

<b>POÉTICO</b>	<b>EXPOSITIVO</b>	<b>PARTICIPATIVO</b>	<b>OBSERVATIVO</b>
<b>Pesquisa e Produção - Guilherme e Monisa</b>			
<b>Câmeras</b> - Guilherme Leonor e Monisa Cruzeiro	<b>Imagens Arquivos</b> - Yuri Kruschswky	<b>Personagem Doula</b> - Wanda Hansen de Toledo	<b>Câmeras</b> - Guilherme Leonor e Monisa Cruzeiro
<b>Som</b> - Guilherme Leonor	<b>Narração</b> - Glauber Machado	<b>Câmera</b> - Guilherme Leonor	<b>Som</b> - Guilherme Leonor
<b>Narração</b> - Verônica Barbosa	<b>Edição</b> - Guilherme Leonor e Monisa Cruzeiro	<b>Som Lapela</b> - Monisa Cruzeiro	<b>Edição</b> - Monisa Cruzeiro
<b>Edição Fotos</b> - Guilherme Leonor	<b>Câmera</b> - Guilherme Leonor e Yuri Kruschswky	<b>Som</b> - Guilherme Leonor	
<b>Edição</b> - Monisa Cruzeiro		<b>Entrevistadora</b> - Monisa Cruzeiro	
<b>Designer Gráfico</b> - Guilherme Leonor		<b>Edição</b> - Monisa Cruzeiro	
<b>Abertura - Guilherme Leonor e Monisa Cruzeiro</b>			
<b>Pesquisa e Produção - Guilherme e Monisa</b>			

**Tabela 1: Equipe de Produção**

## **7 CRIAÇÃO DO ROTEIRO - POÉTICO / EXPOSITIVO - NADA É O QUE PARECE**

No roteiro do primeiro episódio gravado, utilizamos os modelos que já havíamos trabalhado na disciplina de Roteiro de Documentário. E com a descrição dos formatos por Nichols (2010), estabelecemos o que queríamos em imagens e sons. Vale ressaltar que após a escrita do rascunho (APÊNDICE B), percebemos que o modelo que utilizamos para ele não estava encaixando para o Expositivo.

Com isso fizemos um segundo roteiro (APÊNDICE C), no qual usamos um modelo de roteiro para o Poético e outro para o Expositivo. O que facilitou para o momento de gravações, devido ao detalhamento que deixamos do que precisávamos no dia do primeiro dia de gravação.

No Poético utilizamos de suas características para abordar a realidade em relação a morte de uma forma diferente, não o comum do luto, mas do lado de alguém que se foi, ou como pensamos que pode ser a realidade para ele. Então definimos no roteiro que as imagens seriam responsáveis por provocar sentimentos ao espectador.

O texto escolhido para a narração, foi uma junção de trechos de poesias relacionadas à morte, ao luto, a saudades, mas também ao fato de que a vida continua para quem ficou e que os dias continuam seguindo a rotina.

No Expositivo buscamos trazer os fatos usando a “voz de Deus” (voz over) e a exposição em relação a romantização da gravidez reforçada pelas redes sociais.

No roteiro abordamos a questão da sociedade machista e as imposições sobre a mulher de ter filhos: a idéia de que tudo são flores, a exposições de famosas em redes sociais passando a imagem de que é tudo perfeito, a pressão sob outras mães e futuras mães, que em sua maioria não possui uma rede de apoio e boas condições financeiras, de que não ser aquilo que acompanha nas redes, significa que falhou na maternidade.

Seguindo o modelo Expositivo, no roteiro as imagens aparecem para reforçar a narração, assim colocamos as pretensões de imagens para ratificar o que é falado no decorrer na parte desse episódio.

## 7.1 PRODUÇÃO - GRAVAÇÃO POÉTICO / EXPOSITIVO - NADA É O QUE PARECE

A gravação do Poético ocorreu no Cemitério Municipal, aproveitando a data de Finados, pois sabíamos que seria um dia com maior movimento em relação ao fluxo de pessoas, onde conseguiríamos capturar uma situação específica entre a saudade e o luto dos visitantes do local. E não podia ser diferente de todo dia 02 de novembro, choveu, e tivemos que nos proteger e os equipamentos em quase todas as horas que ficamos no local.

### Fotografia 1: Dia de chuva no cemitério



Fonte: Monisa Cruzeiro (2022)

No início tivemos receio, acredito que por esse tabu presente no olhar sobre o local cemitério, e o fato de que estaríamos desrespeitando o ambiente, mas depois de algumas imagens, percebemos que era um local para matar a saudade e isso nos fez pensar que é apenas mais uma locação. Talvez isso nos ajudou em relação aos nossos próprios pensamentos em relação à morte.

Seguimos o roteiro para capturar as imagens necessárias para a montagem e os sons ambiente. Além de deixarmos registrados essas situações relatadas acima e que no fim reforçou e contextualizou o que queríamos passar em relação à morte, que claro, fica a saudade presente nos que ficaram, e que se torna um local de lembranças, mas que também é mais um dia, e que tudo em volta continua seguindo o seu fluxo, e que a data é transformada em um negócio para muitos. Essa situação está relacionada ao "empreendedorismo" presente

no local, pois nos deparamos com várias crianças e adolescentes oferecendo limpeza de túmulos, e eram diversos grupos espalhados pelo cemitério, comandados por um homem mais velho com cara de poucos amigos. Além do fato de várias barraquinhas presentes na parte externa estarem vendendo variadas flores, velas e terços. Reforçando que apesar de ser uma data fúnebre, há sempre serviços sendo oferecidos, sejam formais ou informais.

### **Fotografia 2: Crianças e adolescentes trabalhando no cemitério**



Fonte: Monisa Cruzeiro (2022)

Para o Expositivo tentamos gravar na maternidade imagens que remetessem à gravidez e suas etapas, mas sem sucesso. Entretanto, o responsável pelo setor de comunicação da Maternidade (Felipe Souza), nos enviou imagens de arquivos para que pudéssemos usar, e nos indicou o vídeo institucional do local, que utilizamos em determinados pontos na construção da narrativa.

**Fotografia 3: Hospital Maternidade Therezinha de Jesus**

Fonte: Hospital Maternidade Therezinha de Jesus (2021)

Tivemos dificuldades para encontrar mães disponíveis para fazermos as imagens do dia a dia, retratar o cansaço da mesma, e a comparação com as redes sociais que romantizam a gravidez. Como alternativa, utilizamos imagens do Documentário “Mães de Primeira Viagem”, que foram cedidas pelo diretor Yuri Kruschswky, imagens nas quais demonstravam algumas situações que condiziam com o nosso roteiro.

Mas ainda precisávamos de cenas para os momentos da narrativa que abordavam os problemas que poderiam ser acarretados pela pressão sobre a mãe de que teria que ser perfeita na criação dos filhos. Conseguimos (uma das personagens do documentário que nos cederam algumas imagens), para retratar a realidade sobre a maternidade, e optamos por imagens mais abstratas para retratar a depressão pós-parto e outros problemas físicos e psicológicos que as mães podem desenvolver, principalmente quando se comparam com as mães perfeitas vistas nas redes sociais.

## **7.2 CONCEPÇÃO SONORA - POÉTICO / EXPOSITIVO NADA É O QUE PARECE**

Em ambos os formatos, utilizamos narrações para enfatizar as narrativas. A diferença é que no Poético, a narração é somada aos sons ambientes, enquanto no Expositivo, a narração era o principal, e mais incisiva.

No Poético queríamos que a narração fosse mais tranquila, como uma conversa, e que os sentimentos do narrador pudesse ser perceptível e que causasse sensações para quem assiste, de acordo com a interpretação da narradora.

Já no Expositivo, o objetivo era a narração como parte principal, com um tom imponente, chamando a atenção para o tema abordado. Uma locução fria, objetiva e que passasse as informações de forma neutra.

## **7.3 EDIÇÃO - POÉTICO / EXPOSITIVO - NADA É O QUE PARECE**

Após obtermos as imagens, os sons e as narrações, passamos para a próxima etapa: a edição.

Começamos pelo Poético, trabalhando a narração utilizando um efeito que remetesse a um eco, e mais espaçada. Queríamos que o espectador se perguntasse de qual local o narrador estaria falando. Deixando registrado que o nosso ponto era: o narrador é alguém que morreu e que seus sentimentos apesar da saudade, era mostrar que estava tudo bem, que a morte é só mais uma etapa da vida que todos iremos passar.

Buscamos também realçar os sons que percebemos quando estávamos no cemitério gravando, as conversas, as orações, as canções cantadas, o vento, o sino e o movimento da rua em frente. Que muitas vezes passam despercebidos no dia a dia, então demos um ganho no volume, para dar a sensação dos outros dias no qual em sua maioria o cemitério fica vazio.

Escolhemos as imagens para que no decorrer da narrativa fosse mostrado ao mesmo tempo um dia normal, mas com o ponto de saudade. Um local tranquilo que possui tantos significados.

As fotos que aparecem em determinados momentos, optamos por deixar em sua maioria preto em branco, mas que havia um detalhe em cor. O objetivo era mostrar que mesmo sendo um dia triste, cinza para muitos, havia também um ponto de vida, que casasse com a narração de demonstrar que tudo deve seguir.

Finalizamos o modo Poético com o choro do bebê, ligando com o Expositivo abordando a romantização da maternidade e imposições da sociedade sobre a mulher.

Na edição do Expositivo, a busca era deixar a narração com voz de autoridade, séria, e que as imagens reforçassem o que o locutor estava falando. Utilizamos gráficos para representar os dados passados na narração de acordo com os órgãos do setor da saúde e organizações que tratam dos problemas físicos e mentais na maternidade. Pesquisamos imagens das redes sociais que definiam a maternidade idealizada, e decidimos colocar as imagens em mosaico, para que despertasse a sensação de como muitas mães absorvem todas essas publicações no dia a dia.

Encerramos o episódio com o alerta sobre as cobranças, e que é importante pensar que nem tudo que é passado, principalmente sobre a maternidade nas redes sociais, é a verdade. Há muitos pontos que devem ser levados em consideração, como rede de apoio e condições financeiras, por exemplo.

## **8 CRIAÇÃO DO ROTEIRO - PARTICIPATIVO / OBSERVATIVO - PARALELOS**

Somado ao processo de edição do episódio Poético / Expositivo, começamos a trabalhar o roteiro do próximo episódio. Optamos pelos formatos Participativo / Observativo, pelo seu ponto principal de contraste - enquanto em um há a interferência (participação) do diretor, no outro a abordagem acontece por meio exclusivamente da observação.

No roteiro da primeira parte, o objetivo era abordar como ocorre o trabalho de uma Doula, que é uma profissão ainda não regulamentada, mas que vem crescendo em relação às opções de cuidados na gestação. O trabalho da doula compreende sua ação na preparação para o parto, durante o parto e no pós parto, e possui como destaque a maior proximidade e ligação entre a profissional e a mãe. As perguntas criadas tinham como principal foco, o entendimento em relação ao processo, em que momento começa o acompanhamento da doula, e até quando ele permanece, com intuito de mostrar mais uma opção para gestantes e mais uma etapa existente entre vida e morte.

No roteiro da parte do Observativo, o foco estava no funcionamento de uma funerária e seu dia a dia, e principalmente no processo após o comunicado de um falecimento. Como nesse formato o trabalho é observar, no roteiro colocamos quais os pontos que queríamos captar para contar a narrativa, desde os telefones, os familiares no ambiente, o almoço de um dos funcionários, entre todas as atividades presentes no local.

O objetivo era destacar o olhar nas ações dos funcionários e o cotidiano da funerária, e mostrar que não é como a maioria imagina, e sim mais um dia normal para os funcionários.

### **8.1 PRODUÇÃO - GRAVAÇÃO PARTICIPATIVO / OBSERVATIVO - PARALELOS**

No dia da gravação do formato Participativo tivemos um imprevisto, isto porque uma das pacientes da doula que seria entrevistada, entrou em trabalho de parto, e com isso foi necessário remarcar. Tínhamos o interesse de filmar toda essa etapa, em mostrar na prática o trabalho da doula, entretanto não tínhamos autorização da gestante, então remarcamos a entrevista.

Na segunda tentativa, ocorreu tudo bem, chegamos ao local pela manhã - o consultório da entrevistada, a psicóloga, doula e consultora em amamentação, Wanda Hansen de Toledo.

Como já tínhamos conversado com ela durante a pesquisa de campo, mantivemos contato, criando uma aproximação para que ficasse confortável para ambos. Enquanto montávamos os equipamentos e fazíamos testes, ficamos conversando sobre coisas do dia a dia, sobre quantos partos ela havia feito, e até demos uma dica de um documentário sobre todas as vidas que ela trouxe ao mundo.

Após tudo montado, repassamos as perguntas, e começamos a gravação que ocorreu bem tranquila. Após as perguntas, fizemos imagens do local, e ainda ganhamos uma aula sobre os tipos de cocôs de bebês e qual cor devemos nos preocupar caso ocorra.

Essas imagens que fizemos fora da entrevista, já estavam no roteiro como detalhes que queríamos, para contextualizar o local, e todos os recursos que a doula utiliza em suas sessões com os pais, e como a decoração remete ao universo das suas profissões: doula e psicóloga.

#### **Fotografia 4: Entrevista com a Doula Wanda Hansen de Toledo**



Fonte: Guilherme Leonor (2023)

Assim como fizemos pesquisa de campo em relação a doula, em primeiro momento conversamos com algumas funerárias para sabermos nossas possibilidades. Por destino tivemos alguém próximo aos familiares donos de uma das funerárias, o que facilitou para o que precisávamos.

Chegando no local, pensamos primeiramente em pegar o dia a dia dos funcionários. Começamos a gravar o movimento, as conversas, os telefonemas, e para nossa sorte, se podemos dizer assim, ocorreu um falecimento. Enquanto um filmava o almoço de um

agente funerário, o outro conversou com os familiares para obter autorização de imagem, para gravarmos o processo de preparo do corpo. Após a autorização, gravamos o processo de preparação das coroas de flores, depois fomos para o galpão onde ocorre o processo de preparação do corpo.

### **Fotografia 5: Funerária Filgueiras**



Fonte: Monisa Cruzeiro (2023)

Mais uma vez nos separamos, pois não cabia os dois no carro da funerária, assim, um ficou no galpão e outro acompanhou o agente funerário até o hospital para o transporte do corpo até o local onde ocorrem os processos.

Acompanhamos passo a passo com o corpo, e como esse havia sido um falecimento no qual a senhora já estava há um tempo no hospital, não precisou de limpar o corpo, nem de autópsia. Então a observação foi focada na preparação do corpo para o velório (tamponamento) , no vestir a roupa escolhida pelos familiares, na montagem das flores no caixão e toda organização. Isso tudo ocorreu enquanto os funcionários conversavam e brincavam entre eles, já que esse trabalho é normal para eles.

De certa forma no Observativo aconteceram algumas interações nossas no decorrer das gravações, isso porque mesmo deixando as câmeras gravando as ações dos funcionários, os mesmos acabavam interagindo com a gente, de maneira descontraída e por várias vezes nos explicando os processos.

## 8.2 EDIÇÃO - PARTICIPATIVO / OBSERVATIVO - PARALELOS

Partimos para edição dos formatos Participativo / Observativo, no primeiro utilizamos em sua introdução momentos mais descontraídos e explicativos que tivemos com Wanda Hansen (doula), definimos como importante mostrar que não é somente chegar e gravar, que precisávamos deixar o ambiente confortável para que ocorresse tudo bem.

Essa importância de “intimidade” foi perceptível no decorrer da entrevista, no qual ela começou mais séria e travada, mas com as perguntas e na maneira que dialogamos, a mesma foi se soltando e demonstrando todo amor e carinho que ela tem por fazer parte de um dos momentos mais importante para uma família.

Nos cortes deixamos a entrevista mais enxuta e objetiva, retirando os espaços no qual a entrevistada estava pensando, mas esses cortes não interferiram na abordagem sobre o tema.

Já na edição do Observativo, queríamos passar todo o processo e o dia a dia na funerária, mas no primeiro estava passando de 1h de duração, então cortamos e montamos de forma que contasse a narrativa, sem perdemos pontos importantes, reduzimos os takes<sup>5</sup> longos sem movimentos, para planos que haviam ações durante o dia no local.

Passando a narrativa pela rua da funerária, o ambiente na recepção, o trabalho em fazer uma coroa de flores, em como as coisas acontecem ao mesmo tempo. Enquanto ocorria o atendimento à família na recepção, o Carlos ( agente funerário) estava almoçando. Seguimos todo o percurso dele, desde buscar o corpo no hospital até a chegada ao galpão e todos os cuidados em arrumar o corpo para o velório.

Como descrito no tópico de **produção - gravação**, ocorreu algumas interações nossas no Observativo, que deixamos explícitas no encerramento do episódio, não causando interferências, mas reafirmando o que observamos, que para eles é mais um dia normal de trabalho.

---

<sup>5</sup> Chamamos de TOMADA (em inglês, “TAKE”) tudo que é registrado pela câmera desde o momento em que ela é ligada (REC) até o momento em que ela é desligada (PAUSE ou STOP).  
<Noções básicas da estrutura de um filme>.

## **9 CRIAÇÃO DO ROTEIRO - PERFORMÁTICO / REFLEXIVO - FASES**

Desde o início do projeto nosso objetivo era trabalhar com o contraste entre os extremos, e no terceiro episódio não será diferente, decidimos tratar sobre as fases da vida humana e com isso extrair o contraste entre a alegria da infância com a solidão da velhice.

Na escrita do argumento sintetizamos o nosso objetivo de evidenciar os contrastes. Logo em seguida decidimos que no terceiro episódio os modos que seriam trabalhados eram o performático conduzindo o espectador a um sentimento nostálgico e o fazendo ter saudade da sua infância e o reflexivo levando o espectador a de fato refletir sobre a sua vida atual e como ele tem vivido.

Quando iniciamos a discussão das nossas ideias para esse episódio percebemos uma semelhança no ritmo da narração das duas partes do episódio que poderíamos utilizar a nosso favor. E foi o que fizemos, na escrita do roteiro a narração das duas partes do episódio são falas pausadas e em tons de suavidade.

No modo performático o foco é todo na fase da infância, as imagens indicadas no roteiro são de crianças brincando de pular corda, amarelinha, pique esconde e entre outras brincadeiras que fizeram parte de grande parte das pessoas na infância. A narração é suave e pausada e as histórias narradas reforçam a sensação de saudade e de nostalgia.

Já no modo reflexivo ainda que a narração continue sendo feita de modo pausada ela já trás um tom mais triste e pesado, as imagens são de um idoso realizando atividades cotidianas no asilo como fazer a barba e comer, reforçando esse tom mais dramático.

### **9.1 PRODUÇÃO - PERFORMÁTICO / REFLEXIVO - FASES**

Desde nossas primeiras conversas com o nosso orientador, Cristiano Rodrigues, nosso objetivo era filmar e editar os três episódios, porém não foi possível.

Quando começamos a produzir o terceiro episódio encontramos diversas dificuldades, a primeira foi conseguir uma creche ou escola que estivesse em funcionamento durante o final de dezembro ou início de janeiro e não conseguimos encontrar, pois todas as escolas e creches estavam de férias. Foi a partir desse momento que decidimos buscar outras alternativas, e o caminho que encontramos foi a de gravar na AACI - Associação de apoio a crianças e idosos, essa instituição oferece apoio a crianças em situação de vulnerabilidade, desenvolvendo diversas atividades e brincadeiras para essas crianças.

Porém encontramos outro impasse, logo após entrarmos em contato com a associação, nos foi dito que seria necessário conseguir a autorização de todos os pais para que

podéssemos filmar as crianças no local. Nos solicitaram o nosso projeto de TCC e um modelo de autorização para ser repassado para a assistente pedagógica da instituição, logo em seguida enviamos os documentos solicitados porém não obtivemos uma resposta. Assim não conseguimos viabilizar as gravações em tempo para essa apresentação.

## 10 ABERTURA E ENCERRAMENTO DO EPISÓDIOS

Para a abertura dos episódios criamos uma espécie de reflexo do nome PERSPECTIVAS, que somado ao áudio da natureza, em específico o áudio de uma cachoeira, cria uma sensação de caminho da água. O objetivo era remeter a definição da palavra “perspectivas”, da maneira como cada ser pode ter um ponto de vista sobre uma situação no decorrer do caminho. E no nome de cada episódio há um sombreamento também para associar que mesmo apresentando um ponto visível, há outras interpretações sobre aquele assunto de acordo com cada um.

O “A” da palavra está desenhado de forma que somado ao reflexo forma o formato de olho, apontado para o olhar de cada interpretante, com um significado duplo, pois também leva a imaginação da imagem ser um bebê dentro da barriga da mãe.

No encerramento dos episódios, utilizamos fotos dos bastidores e os áudios durante as gravações enquanto passava os créditos. A ideia de auto reflexividade é criar a sensação de envolvimento e passar os clima durante as gravações, os nossos receios, medos e como também nos divertimos e aprendemos gravando os episódios.

## 11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi uma experiência incrível, que possibilitou o aprofundamento de várias áreas oferecidas pelo curso, principalmente aquelas que não tivemos oportunidade de desenvolver durante o curso. PERSPECTIVAS veio não só como um trabalho para a formação, mas também com a importância de nos trazer novos olhares, principalmente na nossa relação com o tema vida e morte, e no caminho que desejamos seguir após a formação.

A abordagem do tema vida e morte e as etapas presentes entre esses paralelos, foi crucial no quesito de desmistificar todo tabu criado pela sociedade, e o medo de falar sobre o assunto. Buscamos mostrar isso fora do padrão, fora do clima pesado formado em torno da morte, e toda euforia da maternidade.

Enfrentamos nossos medos e receios durante esse semestre, mas conhecemos pessoas maravilhosas, e que nos ensinaram muito no decorrer de cada gravação. Tivemos muitos risos, frio na barriga, chuva, sol, estresses, vários nãos, entre outras pedras no caminho, mas que sem tudo isso, com certeza não seria um trabalho de conclusão de curso.

Por fim, vale ressaltar a possibilidade da experimentação de uma nova forma de narrativa, e o trabalho nas escolhas de formatos de documentários capazes de se somarem, o que nos permitiu aprender durante todo processo. Apesar de não conseguirmos até o presente momento terminar o 3º episódio que fecha a minissérie, estamos felizes com o resultado, em poder olhar e perceber cada ponto que cada um trabalhou separadamente e o produto final do trabalho em conjunto.

Pudemos experimentar na prática a frase de Clarice Lispector ‘Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe.'. Ao longo do projeto pudemos vivenciar experiências únicas que não seria possível se fizéssemos o projeto individualmente.

## REFERÊNCIAS

ABSTRACT: The Art of Design. Direção: Scott Dadich. Produção: Netflix. Estados Unidos, 2017.

A MARCHA dos pinguins. Direção: Luc Jacquet. França, 2005.

A SETE Palmos. Direção: Alan Ball. Produção: HBO. Estados Unidos, entre 2001 e 2005.

BABÁS. Direção: Consuelo Lins. Rio de Janeiro, 2010.

BIANCA. Instagram: @bianca.

Disponível em <<https://www.instagram.com/bianca/?hl=pt-br>>.

Acesso em: 15/01/23.

BRANDT, Gabi. Instagram: @gabibrandt.

Disponível em <<https://www.instagram.com/gabibrandt/?hl=pt-br>>.

Acesso em: 15/01/23.

COMOLLI, Jean-Louis. Ver E Poder - A Inocência Perdida - Cinema, Televisão, Ficção, Documentário. Belo Horizonte: Diretora UFMG, 2008.

COSMOS, uma odisséia do espaço-tempo. Direção: Brannon Braga, Bill Pope e Ann Druyan. Produção: Cosmos Studios e Fuzzy Door Productions. Estados Unidos: Fox e Nat Geo, 1980 e depois revisitada em 2014.

COSTA, Virginia Fonseca. Instagram: @virginia.

Disponível em <<https://www.instagram.com/virginia/feed/?hl=pt-br>>.

Acesso em: 15/01/23.

ESTANIECKI, Tata. Instagram: @tata.

Disponível em <<https://www.instagram.com/tata/?hl=pt-br>>.

Acesso em: 15/01/23.

FRANCO, Marília. John Grierson & Escola Inglesa de Documentário. Aruanda lab.doc.

Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/aruanda/grierson.htm/>>.

Acesso em: 29/07/2022

FRATERNIDADE. Direção: Jorge Furtado. Brasil, 2004.

ILHA das flores. Direção: Jorge Furtado. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre com apoio da Kodak do Brasil, Curt-Alex Laboratórios e Álamo Estúdios de Som. Brasil, 1989.

JUSTIÇA. Direção: Maria Augusta Ramos. Brasil, 2004.

LEITE, João. Quais são os tipos de documentário?. Avmakers, 2020. Disponível em: <<https://www.avmakers.com.br/blog/quais-sao-os-tipos-de-documentario/>>.

Acesso em 26/07/2022

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. Voz over. Escrevendo o Futuro, 2021. Disponível em: <[https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/glossario/voz-over/](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/glossario/voz-over/)>. Acesso em 15/02/2023.

MIGLIORIN, Cezar. et. al. Ensaio no real: O documentário brasileiro hoje. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

NANOOK, o esquimó. Direção: Robert Flaherty. Estados Unidos, 1922.

NICHOLS, Bill. The Voice of Documentary. Copyright Regentes da Universidade da Califórnia. 1983.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 5. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2010.

NOÇÕES BÁSICAS DA ESTRUTURA DE UM FILME. Disponível em: <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/noco-es-basicas-da-estrutura-de-um-filme/>>. Acesso em 15/02/2023.

OLHOS de ressaca. Direção: Petra Costa. Produção: Aruac Produções. Rio de Janeiro, 2009.

PERSPECTIVAS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/perspectiva/>>. Acesso em 15/01/2023.

PONCIO, Sarah. Instagram: @sarah.  
Disponível em <<https://www.instagram.com/sarah/?hl=pt-br>>. Acesso em: 15/01/23.

PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. São Paulo: Papyrus Editora, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas Afinal... O que é mesmo documentário?. São Paulo: Senac, 2008.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Produção: VideoFilmes. Rio de Janeiro, 2006.

SANTO forte. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Cristiana Grumbach. Brasil, 1999.

SUPER size me: a dieta do palhaço. Direção: Morgan Spurlock. Produção: Morgan Spurlock. Estados Unidos: Samuel Goldwyn Films, 2004.

TUBE, Viih. Instagram: @viihtube.  
Disponível em <<https://www.instagram.com/viihtube/?hl=pt>>. Acesso em: 15/01/23

## APÊNDICE A - CRONOGRAMA

Universidade Federal de Juiz de Fora  
 Faculdade de Comunicação Social  
 Trabalho de Conclusão de Curso  
 Dupla - Guilherme Leonor / Monisa Cruzeiro  
 Orientador - Cristiano Rodrigues

<b>Dias/Turnos</b>	<b>Ações de Pré-Produção</b>	<b>Resultado</b>
<b>Terça 11/10 Tarde</b>	Primeira Orientação, alinhando dos objetivos	<b>OK</b>
<b>18/10 Manhã</b>	Pesquisas de campo - Funerária	<b>OK</b>
<b>17/10 a 21/10 Manhã/ Tarde</b>	Pesquisas de campo - Doulas	<b>OK</b>
<b>25/10 Tarde</b>	Orientação - Definição dos formatos, episódio piloto. Instruções para o esboço do primeiro roteiro.	<b>OK</b>
<b>01/10 Tarde</b>	Apresentação do primeiro roteiro, orientações para as gravações do formato poético. Definições e ajustes para o roteiro.	<b>OK</b>
	<b>PRODUÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO</b>	
<b>02/11 - Manhã</b>	Gravação imagens / sons - Finados Local - Cemitério	<b>OK</b>
<b>11/11 - Tarde</b>	Orientação Definição de dois narradores Fazer escolhas de vídeos e fotos feitos no dia 02/11 para o início da edição do formato poético.	<b>OK</b>
<b>21/11 - Tarde</b>	Orientação Pontos definidos sobre a edição do modo poético. Ideias para montagem da narrativa, como por exemplo colocar o reverso dos vídeos.	<b>OK</b>

<b>29/11 - Tarde</b>	Orientação Definição da primeira parte escrita do TCC E o primeiro teste da edição do formato poético.	<b>OK</b>
<b>06/12 - Tarde</b>	Orientação Leitura da parte escrita do TCC e apontamentos. Primeiro teste do modo poético. Definição para o próximo formato e contatos para gravações.	<b>OK</b>
<b>16/12 - Tarde</b>	Gravação Narração Poético - Verônica Local - Facom	<b>OK</b>
<b>16/12 a 20/12</b>	Edição Poético	<b>OK</b>
<b>22/12 - Tarde</b>	Gravação Narração Expositivo - Glauber Local - Facom	<b>OK</b>
<b>03/01/2023 - Tarde</b>	Gravação Maternidade	<b>FALHA</b>
<b>13/01/23 - Tarde</b>	Orientação Cris - definição de algumas partes Expositivo. Direcionamento para parte escrita. Solicitação para edição dessa etapa. Definição escrita roteiro 2º episódio	<b>OK</b>
<b>20/01/23 - Tarde</b>	Orientação	<b>OK</b>
<b>27/01/23 - Tarde</b>	Leitura parte escrita e apontamentos para correção - Orientação	<b>OK</b>
<b>13/01/23 à 30/01/23</b>	Edição Expositivo	<b>OK</b>
<b>03/02/23 - Manhã</b> <b>03/02/23 - Tarde</b>	Gravação Entrevista Doula Edição - Primeiro Corte Entrevista e Orientação Cris	<b>OK</b> <b>OK</b>
<b>10/02/23 - Tarde</b>	Gravação Funerária Filgueiras	<b>OK</b>
<b>17/02/23 - Tarde</b>	Orientação	<b>OK</b>
<b>20/02 a 24/02</b>	Finalização Episódios Parte escrita TCC	<b>OK</b>

<b>01/03/23 - Tarde</b>	Orientação - última 😞 Revisão dos episódios. Últimos pontos do memorial	<b>OK</b>
-------------------------	---	-----------

## APÊNDICE B- PRIMEIRO RASCUNHO ROTEIRO EPISÓDIO POÉTICO / EXPOSITIVO

Roteiro do documentário - PERSPECTIVAS  
Guilherme Leonor / Monisa Cruzeiro

Vídeo	Áudio
<p>Imagens do cemitério em plano aberto durante o dia, movimento das pessoas, intercaladas com imagens das lápides, detalhes, letras, velas e flores.</p> <p>Fazer um percurso mudando de caminho no cemitério.</p> <p>Mudança do olhar, filmar um retrato no túmulo e mudar para as pessoas no cemitério.</p> <p>Utilizar imagens de arquivos, flores desabrochando, pôr do sol e amanhecer.</p> <p>Movimento da cidade. Foco no portão (entrada). Fazer com uma semelhança de uma cidade vista de longe.</p>	<p><b>Narração] Falas pausadas e suave.</b></p> <p>Hoje é dia de visita, ao contrário do que se pensa, de tristeza não é feito esse dia. É engraçado como o tempo pode ser relativo: em alguns dias, temos muito; em outros, temos pouco.</p> <p>A morte não é nada.</p> <p>Eu somente passei para o outro lado do Caminho. Eu sou eu, vocês são vocês.</p> <p>O que eu era para vocês, eu continuarei sendo.</p> <p>Eu não estou longe, apenas estou do outro lado.</p> <p>Mas o que é a morte Senão o próximo passo.</p> <p>Aquele que tememos,</p> <p>Mas que um dia todos damos, ainda que contra a vontade.</p> <p>As flores continuarão a desabrochar e os dias que terminam e os que se iniciam todas as manhãs.</p>

	<p>Mas tudo acontece por uma razão, tudo tem o seu tempo, e as memórias não vão se deixar levar pelo vento. Uma coisa na vida é fato: todos nós vamos morrer. Mas, apesar disso, é algo que não conseguimos entender. É sobre quem já foi, mas também sobre quem está.</p> <p><b>[Narração] Tom suave e cômico.</b>  Eu sempre tive uma boa relação com a morte, o que eu não queria era morrer antes da hora. Acredito que cada pessoa tem seu momento, todos nós estamos em uma fila  ando a morte chama seu número, não tem para onde correr.  Afinal de contas ela não é preconceituosa, não faz acepção de pessoas,  preto, branco. rico, pobre  um dia todos estarão diante da morte. Ao contrário do que muitos pensam não precisa de muita coisa pra morrer Já dizia uma voz antiga  pra morrer basta estar vivo.</p> <p>SOBE SOM  Choro de bebê</p>
Fade out	
Expositivo	
	<p>As meninas já nascem e são criadas com o intuito de seguir a natureza do corpo feminino: ser MÃE. Isso é refletido nos brinquedos focados em bonecas, e o</p>

direcionamento para que cresça aprendendo a cuidar dos seus futuros filhos, além de administrar a casa e o seu respectivo marido, ou seja, segundo a sociedade esse é o caminho natural de uma mulher, e com isso as pressões impostas para ser perfeita em tudo, e que a maternidade trará apenas coisas positivas, são fruto de uma sociedade machista.

A romantização da maternidade é um padrão imposto pela sociedade, de maneira irresponsável de que todo processo é perfeito, e caso não siga este caminho como em não querer ter filhos ou não fingir que é tudo maravilhoso nesse processo de ser mãe, a culpabilidade sobre a mulher mãe, acaba acarretando problemas psicológicos, e destruindo o mental das mesmas.

Essa romantização acaba por apagar todos os desafios da maternidade, pressionando a idealização de algo perfeito. Mesmo com toda luta em quebrar essas correntes da romantização, as mulheres continuam sofrendo as pressões da

sociedade, e julgadas caso escolham um percurso diferente da padronização, e tudo isso leva a exaustão e problemas à saúde física e mental.

No mundo, cerca de 10% das mulheres grávidas e 13% das mulheres que acabaram de se tornar mães sofrem de algum distúrbio mental, principalmente depressão, relata a OMS. Além disso, 1 em cada 5 mulheres experimentam algum tipo de transtorno perinatal de humor e ansiedade (PMAD), de acordo com o WMMHD (World Maternal Mental Health Day), e estimativas de que 7 em 10 mulheres

ocultam ou minimizam seus sintomas. De acordo com a OMS, após o nascimento, a mãe com depressão sofre muito e pode deixar de comer, tomar banho ou cuidar adequadamente de outras maneiras. Isso pode aumentar os riscos de problemas de saúde. O risco de suicídio também é uma consideração e, em doenças psicóticas, o risco de infanticídio, embora raro, deve ser levado em consideração.

Nesse mesmo sentido, é possível observar o risco que eventuais problemas de ordem mental da mãe podem refletir nos bebês. Afinal, a relação entre mães e filhos é próxima e sentidas aos mínimos detalhes.

Além disso, bebês podem ser afetados e são altamente sensíveis ao meio ambiente e à qualidade dos cuidados, e provavelmente também serão afetados por mães com transtornos mentais. Doenças mentais prolongadas ou graves dificultam o apego mãe-bebê, amamentação e cuidados com o bebê, relata a OMS. As redes sociais reforçam essa romantização e idealização da maternidade perfeita, com várias postagens de mães felizes, e bebês fofinhos, sem apertos e dificuldades.

Observado o quanto esses espaços virtuais reforçam uma cultura padrão da imagem de mãe perfeita, dando conta de tudo, a naturalização de exibir a todo instante, preocupada em mostrar que está bem, voltando o corpo ao normal no mesmo dia, postando fotos maquiada minutos depois do parto, querendo mostrar aquilo que se deseja ser do que é de fato. Com o crescimento das redes, aumentou um retrato da sociedade de conferir maior valor ao olhar do outro do

que a da relação mãe-bebê. Isso leva outras mães a se sentirem culpadas por não conseguirem seguir esse padrão, que não é real, a distorção da maternidade idealizada versus a maternidade real. É importante dar voz e alertar sobre os sintomas e os transtornos psicológicos, como a depressão pós-parto e a ansiedade, que resultam angústias e sofrimento as mulheres, ocorrendo antes, durante e após a gestação. E as mulheres que não querem ser mães não só não estão imunes à pressão da sociedade ao padrão, como também podem sofrer desgaste emocional.

As mães e futuras mães, lembrem-se que na maternidade postada nas redes sociais, as mães mentem! Não existe maternidade perfeita, principalmente quando não se tem uma rede de apoio e uma boa condição financeira. Nem todas as crianças são comportadas, não há fórmula certa. Nem tudo são flores, acontece que o que parece perfeito, às vezes só é bem disfarçado da realidade.

## APÊNDICE C - SEGUNDO RASCUNHO ROTEIRO EPISÓDIO POÉTICO / EXPOSITIVO

**Roteiro do documentário - PERSPECTIVAS**  
**Guilherme Leonor / Monisa Cruzeiro**

Vídeo	Áudio
<b>Poético</b>	
<p>Imagens do cemitério em plano aberto durante o dia, movimento das pessoas, intercaladas com imagens das lápides, detalhes, letras, velas e flores.  Fazer um percurso mudando de caminho no cemitério.  Mudança do olhar, filmar um retrato no túmulo e mudar para as pessoas no cemitério.  Utilizar imagens de arquivos, flores desabrochando, pôr do sol e amanhecer.  Movimento da cidade. Foco no portão (entrada).  Fazer com uma semelhança de uma cidade vista de longe.</p>	<p><b>[Narração] Falas pausadas e suave.</b></p> <p>Hoje é dia de visita, ao contrário do que se pensa, de tristeza não é feito esse dia.  É engraçado como o tempo pode ser relativo: em alguns dias, temos muito; em outros, temos pouco.  A morte não é nada.  Eu somente passei para o outro lado do Caminho.  Eu sou eu, vocês são vocês.  O que eu era para vocês, eu continuarei sendo.  Eu não estou longe, apenas estou do outro lado.  Mas o que é a morte  Senão o próximo passo.  Aquele que tememos,  Mas que um dia todos damos,  Ainda que contra a vontade.  As flores continuarão a desabrochar e os dias que terminam e os que se iniciam todas as manhãs.  Mas tudo acontece por uma razão, tudo tem o seu tempo,  e as memórias não vão se deixar levar pelo vento., é algo que a gente não consegue entender.  É sobre quem já foi, mas também sobre quem está.</p> <p><b>Pausa</b></p> <p>Eu sempre tive uma boa relação com a morte, o que eu não queria era morrer antes da hora.  Acredito que cada pessoa tem seu momento, todos nós estamos em uma fila</p>

<p>[Fade out]</p>	<p>e quando a morte chama seu número, não tem para onde correr.</p> <p>Afinal de contas ela não é preconceituosa, não faz acepção de pessoas, e um dia todos estarão diante dela.</p> <p>Ao contrário do que muitos pensam não precisa de muita coisa pra morrer.</p> <p>Como é aquele ditado antigo? <b>(Barulho de estalar de dedos)</b></p> <p>pra morrer basta estar vivo.</p> <p>E pra tá vivo é preciso que duas gametas se encontrem: óvulo e espermatozóide se misturam e se transformam em um feto, que vai crescer dentro da barriga da mãe, e aí começa a diferença entre os papéis da mãe e do pai na vida do filho.</p> <p><b>SOBE SOM</b></p> <p>Choro de bebê</p>
-------------------	--

BRASCOUNTA

## Expositivo

### **Imagens**

Casais - crianças brincando - brinquedos caracterizados como para meninas.

### **Locutor**

Em uma sociedade machista, meninas já nascem e são criadas com o intuito de seguir a natureza do corpo feminino: ser MÃE. Isso é refletido nos brinquedos focados em bonecas, e o direcionamento para que cresça aprendendo a cuidar dos seus futuros filhos.

### **Imagens**

Maternidade - berçário - grávidas - Dramatização da mulher pensativa, isolada.

### **Locutor**

As pressões impostas para ser perfeita em tudo, e que a maternidade trará apenas coisas positivas, é definido como o caminho natural de uma mulher.

A romantização da maternidade é um padrão imposto pela sociedade, de maneira irresponsável de que todo processo é perfeito.

E caso não siga este caminho como em não querer ter filhos ou não fingir que é tudo maravilhoso nesse processo de ser mãe, a culpabilidade sobre a mulher mãe acaba acarretando problemas psicológicos, e destruindo o mental das mesmas.

### **Imagens**

Trocar fralda - bebê chorando - amamentação - noites sem dormir

### **Locutor**

Essa romantização acaba por apagar todos os desafios da maternidade, pressionando a idealização de algo perfeito.

Mesmo com toda luta em quebrar essas correntes da romantização, as mulheres continuam sofrendo as pressões da sociedade, julgadas caso escolham um percurso diferente da padronização.

Levando a exaustão e problemas na saúde física e mental.

### **Imagens**

Mulheres - Gráficos mostrando a porcentagem - Mostrando o Instituto responsável pela pesquisa

### **Locutor**

No mundo, cerca de 10% das mulheres grávidas e 13% das mulheres que acabaram de se tornar mães sofrem de algum distúrbio mental, principalmente depressão, relata a OMS. Além disso, 1 em cada 5 mulheres experimentam algum tipo de transtorno perinatal de humor e ansiedade (PMAD), de acordo com o WPMHD (World Maternal Mental Health Day), e estimativas de que 7 em 10 mulheres ocultam ou minimizam seus sintomas.

### **Imagens**

Dramatização - mulher sem cuidados - demonstrando esgotamento

### **Locutor**

De acordo com a OMS, após o nascimento, a mãe com depressão sofre muito e pode deixar de comer, tomar banho ou cuidar adequadamente de outras maneiras.

O risco de suicídio também é uma consideração e, em doenças psicóticas, o risco de infanticídio, embora raro, deve ser levado em consideração.

### **Imagens**

Afastamento entre mães e filhos

### **Locutor**

Nesse mesmo sentido, é possível observar o risco que eventuais problemas de ordem mental da mãe podem refletir nos bebês. Afinal, a relação entre mães e filhos é próxima e sentidas aos mínimos detalhes.

Os bebês podem ser afetados, sendo altamente sensíveis ao meio ambiente e à qualidade dos cuidados. Assim também serão afetados por mães com transtornos mentais.

Doenças mentais prolongadas ou graves dificultam o apego mãe-bebê, amamentação e cuidados com o bebê, relata a OMS.

### **Imagens**

Imagens Instagram - Fotos de mães felizes

### **Locutor**

As redes sociais reforçam essa romantização e idealização da maternidade perfeita, com várias postagens de mães felizes, e bebês fofoquinhos, sem apertos e dificuldades, glamourizando essa etapa.

Observando o quanto esses espaços virtuais reforçam uma cultura padrão da imagem de mãe perfeita, dando conta de tudo. Além da naturalização de exibição a todo instante, preocupada em mostrar que está bem, com o corpo normal pós parto no mesmo dia, postando fotos maquiada com o bebê minutos após o nascimento, querendo mostrar aquilo que se deseja ser do que é de fato.

**Imagens**

Comparações entre o instagram e a vida real

**Locutor**

Com o crescimento das redes, aumentou um retrato da sociedade de conferir maior valor ao olhar do outro do que a da relação mãe-bebê. Isso leva outras mães a se sentirem culpadas por não conseguirem seguir esse padrão, que não é real, a distorção da maternidade idealizada versus a maternidade real.

**Imagens**

Mulheres na rua

**Locutor**

É importante dar voz e alertar sobre os sintomas e os transtornos psicológicos, como a depressão pós-parto e a ansiedade, que resultam angústias e sofrimento as mulheres, ocorrendo antes, durante e após a gestação. E as mulheres que não querem ser mães não só não estão imunes à pressão da sociedade ao padrão, como também podem sofrer desgaste emocional.

**Imagens**

Intercalar imagens de grávidas e com as mães com os bebês. E todos os processos de gravidez e pós.

**Locutor**

As mães e futuras mamães, lembrem-se que na maternidade postada nas redes sociais, as mães mentem! Não existe maternidade perfeita, principalmente quando não se tem uma rede de apoio e uma boa condição financeira. Nem todas as crianças são comportadas, não há fórmula certa. Nem tudo são flores, acontece que o que parece perfeito, às vezes só é bem disfarçado da realidade.

## APÊNDICE D - RASCUNHO ARGUMENTO E ROTEIRO DO EPISÓDIO PERFORMÁTICO / REFLEXIVO

Argumento - PERSPECTIVAS  
Guilherme Leonor / Monisa Cruzeiro  
Episódio 3 - ''Fases''

Quando acordamos pela manhã devemos ficar felizes por mais um dia de vida ou tristes por estarmos um dia mais próximos do dia da nossa morte? Essa pergunta permeia todos os episódios da minissérie documental ''PERSPECTIVAS''.

No terceiro episódio chamado ''Fases'' buscamos expor aos espectadores um pouco sobre as fases da vida de todos seres humanos. Num primeiro momento mostraremos a infância e como ela é alegre, divertida e muitas vezes barulhenta e na segunda parte do episódio expor o silêncio da velhice, acompanhado muitas vezes da tristeza e da solidão.

O modo de representação documental da primeira parte deste episódio será o tipo performático onde através de uma narração calma e tranquila contaremos histórias felizes de como é a infância. Utilizaremos um tom nostálgico buscando aguçar a sensibilidade do espectador ao se lembrar de como era a sua infância que mesmo com diversos problemas suas melhores lembranças e memórias estão nessa fase.

Na segunda parte do episódio o modo de representação a ser utilizado será o reflexivo, onde traremos uma reflexão sobre o fato de chegarmos à velhice muitas vezes doentes, sozinhos e abandonados.

O objetivo deste episódio é levar o espectador a de fato aproveitar todas as fases da sua vida, seja na adolescência, na fase adulta, ou na velhice, devemos nos alegrar e aproveitar cada segundo, como fazem as crianças.

**Roteiro do documentário - PERSPECTIVAS**  
**Guilherme Leonor / Monisa Cruzeiro**  
**Episódio 3 - Parte 1**

Vídeo	Áudio
<b>Performático</b>	
<p>Imagem de crianças brincando das brincadeiras que estão sendo citadas na narração.</p> <p>FOTO</p> <p>Imagens de criança conversando com idoso</p> <p>Fotos de porta retratos</p> <p><b>TELA PRETA</b></p>	<p><b>NARRAÇÃO</b>  Voz com tom calmo e sereno</p> <p>Quando me perguntam o que eu tenho saudade, eu logo respondo que é de quando eu era criança. Sinto saudades de pisar na lama, saudade de jogar queimada, de correr e brincar de pique esconde com meus amigos.  Saudade de pular amarelinha, pular corda e de descer pelo escorregador.  Saudades dos meus amigos.  Essa criança fofa da foto sou eu, e essa que está do meu lado é a minha prima (fulana)  <i>[Contar uma história da infância]</i>  <b>Ah que saudade...</b></p> <p>Outra saudade que eu tenho é a de visitar a casa da minha avó, do seu abraço e também do seu bolo que ela fazia todas as vezes que eu ia em sua casa.</p> <p>Hoje o que nos resta são apenas memórias</p> <p>Fade-in</p> <p>Aparece a frase aparecendo fazendo junção aos dois episódios.</p> <p><i>Por acaso me surpreendo no espelho: quem é esse que me olha e é tão mais velho do que eu? Que me importa! Eu sou, ainda, aquele mesmo menino teimoso de sempre.</i>  (Mario Quintana)</p>

**Roteiro do documentário - PERSPECTIVAS**  
**Guilherme Leonor / Monisa Cruzeiro**  
**Episódio 3 - Parte 2**

Vídeo	Áudio
<b>Reflexivo</b>	
Imagens de um relógio antigo	TIC TAC <i>(Barulho de relógio)</i>
Imagens de um asilo vazio	NARRAÇÃO DEVAGAR E PAUSADA Tom triste e pesado, falas pausadas
Idoso fazendo a barba em frente ao espelho;	Certa vez um homem muito sábio disse: “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família.”
Idoso comendo em uma mesa grande sozinho	Pois é, o tempo passou, e como passou rápido... Ao olhar para o espelho não reconheço essa pessoa, parece um pouco com meu querido pai com alguns traços do meu avô.  Nunca imaginei que o fim da vida seria assim, é um pouco assombroso eu diria. A solidão bate na porta do coração dia após dia e é difícil achar alguém que me entenda e me ouça.